

FIDES REFORMATATA 3/2 (1998)

John Stott, *Homens Com Uma Mensagem: Uma Introdução ao Novo Testamento e seus Escritores*. **Revisado por Stephen Motyer (Campinas: Editora Cristã Unida, 1996) 158 pp.** Traduzido por **Rubens Castillo do original em inglês** *Men with a Message: An Introduction to the New Testament and its Writers (1994)*.

Publicado originalmente em 1954, esse foi o primeiro livro escrito pelo internacionalmente conhecido estudioso e conferencista John R. W. Stott, quando iniciava sua carreira ainda como um desconhecido pastor anglicano em Londres (há uma contradição no expediente do livro, pois indica que seu *copyright* é de 1951).

Quarenta anos após sua publicação, tendo passado por várias edições, o livro foi totalmente revisado em 1994 por Stephen Motyer, convidado por Stott para esse fim. Essa edição revista, publicada em português em 1996, teve como objetivo tornar a obra original acessível à nova geração, atualizando a linguagem de acordo com as mais modernas versões bíblicas e acrescentando fotografias coloridas e mapas, o que, de fato, enriqueceu grandemente a obra.

Com a permissão de Stott, Motyer revisou a linguagem da obra original, agregou mais dois capítulos de sua autoria (sobre Marcos e Mateus) e retirou um sobre Jesus, acrescentando material adicional aos demais capítulos originais, atualizando-os à luz da erudição moderna sobre o Novo Testamento

A versão em português é de excelente qualidade quanto ao formato. O livro vem com capa dura, papel de primeira qualidade, fotografias coloridas, caixas de texto explicativas e mapas ilustrativos. Tudo isso encareceu a obra, mas a qualidade do material justifica a sua aquisição por aqueles que desejam ter um livro bom e agradável de ler sobre o Novo Testamento.

O tema essencial da obra é que o Espírito Santo primeiro preparou os diversos escritores do Novo Testamento e em seguida usou a sua individualidade de formação, experiência, temperamento e personalidade para transmitir "alguma verdade distintiva e apropriada", conforme John Stott escreve no prefácio. A concepção do livro ocorreu a Stott como resultado de sua reflexão, no início do ministério, sobre a inspiração das Escrituras e a relação entre os autores divino e humanos.

À luz dessa idéia, Stott/Motyer analisam os principais autores do Novo Testamento (Judas foi o único deixado de fora, por ser pequeno demais) a partir de suas experiências espirituais e psicológicas, do seu temperamento e formação. Em seguida, descrevem o efeito dessas coisas na mensagem que produziram. O conceito subjacente é que as ênfases distintas de cada livro do Novo Testamento podem ser melhor apreciadas a partir das características individuais de seus autores. Stott/Motyer acreditam na unidade fundamental da mensagem das Escrituras (os pontos comuns a todos os livros são listados por Motyer na p. 10). Apesar das diferenças e da diversidade de autores, o Novo Testamento comunica *uma* mensagem — e não várias, diferentes e contraditórias entre si.

O livro divide-se em 9 capítulos, que tratam respectivamente da vida e da mensagem de Marcos, Mateus, Lucas, João, Paulo, o autor de Hebreus, Tiago, Pedro e o autor do Apocalipse. Esses capítulos seguem basicamente um mesmo plano: abordam inicialmente a pessoa do autor, procurando identificá-lo e reconstruir o que for possível de sua vida (usando as obras que escreveu e as informações dos Pais da Igreja) e em seguida, identificando os pontos centrais de sua mensagem nos livros que escreveu, procurando mostrar como as marcas características de sua obra literária se relacionam com suas experiências pessoais.

Há alguns senões na obra, que, entretanto, não são fatais à sua utilidade e proveito para os que desejam conhecer melhor o Novo Testamento. O principal reparo diz respeito à concepção básica do livro, de que conhecer os autores do Novo Testamento nos dá uma melhor compreensão das particularidades da mensagem que transmitiram. Criase um círculo vicioso, em que se reconstroem as características psicológicas e as experiências dos autores a partir do que escreveram e, em seguida, analisa-se o que escreveram à luz dessa reconstrução. Também, devemos nos perguntar se uma reconstrução da vida e experiências dos autores realmente é a chave para entendermos a mensagem das obras que nos legaram. Afinal, boa parte dos livros do Novo Testamento foram escritos por autores que desejaram ficar anônimos (os quatro Evangelhos, Atos, Hebreus, a primeira carta atribuída a João e Apocalipse). Assim, o capítulo sobre a carta aos Hebreus, cujo autor permanece desconhecido até hoje, foge ao padrão dos demais, pois não tem uma parte sobre o autor e, portanto, não há como relacioná-lo à mensagem que escreveu.

Caberia ainda perguntar se a variedade e características distintivas de cada livro são melhor explicadas pelas diferenças na personalidade, temperamento e experiências de seus autores. Creio que Stott (mais

que Motyer) estava correto quando deixou escapar na página 91 que as diferentes ênfases de Paulo em suas cartas "eram ditadas primariamente pelas necessidades de seus leitores". É evidente que o Espírito Santo respeitou, no processo de inspiração, a individualidade de cada autor, mas não penso que essa seja a melhor explicação para as diferentes ênfases que deram à mensagem do Evangelho. Motyer chega a ser bastante especulativo quando praticamente identifica Marcos com o jovem que seguiu Jesus desnudo, reconstrói sua personalidade como sendo de alguém tímido e recalcitrante, e usa esse critério para explicar a ênfase de Marcos no discipulado (os capítulos escritos por Stott são mais sóbrios).

Outro senão é que a esperada atualização do livro deixou a desejar em alguns capítulos. O capítulo de Motyer sobre Marcos deixou de fora o importante debate acerca do "segredo messiânico" e a tese de que o livro teria caráter apologético (o influente comentário de Gundry está faltando na lista de leituras adicionais). O capítulo sobre Paulo nada traz sobre os mais recentes debates acerca da "nova perspectiva" sobre Paulo e a Lei de Moisés (apesar de a tese de doutorado de Motyer ter sido sobre a questão do judaísmo no período do Novo Testamento) e nem mesmo sobre o papel da escatologia na formação do pensamento do apóstolo.

O último senão tem a ver com a maneira pela qual alguns pontos polêmicos são tratados. Motyer assume confiantemente que o Evangelho de Marcos acabava originalmente em 16.8, um ponto extremamente debatido (p. 17). Também pressupõe a hipótese documentária quanto à formação dos Evangelhos, isso é, que Marcos foi o primeiro a ser escrito e que os demais expandiram sua obra, sem apresentar razões convincentes para tal (p. 29). Stott por sua vez assume uma data de Gálatas pós-concílio de Jerusalém sem maiores explicações (p. 65). Naturalmente não podemos esperar que, no escopo de um livro assim, todos esses assuntos recebam um tratamento acadêmico exaustivo; mas, pelo menos, seria desejável que não fossem assumidas certas posições sem maiores explicações.

O livro tem muitas virtudes. É evangélico, segue no geral a tradição histórica e conservadora da igreja quanto à autoria dos livros do Novo Testamento (por exemplo, aceitando que as Pastorais foram escritas por Paulo), mantém abertamente posições conservadoras em pontos polêmicos (por exemplo, a plena harmonia entre o Jesus de João e o Jesus dos Sinóticos, e a historicidade de Atos), é fácil de ler e tem um formato didático muito bom. No geral, toca nos pontos fundamentais

quanto à formação e o conteúdo dos livros do Novo Testamento. Os capítulos de Stott, entretanto, são melhores que os de Motyer.

Pessoalmente, eu recomendaria o livro como leitura indispensável em português para a cadeira de introdução ao Novo Testamento nos seminários e institutos bíblicos, desde que o professor esteja atento às fraquezas inerentes à proposta do mesmo.

— Augustus Nicodemus Lopes